

**Correio
Econômico**por **Vicente Nunes** / vicentenunes.df@dabr.com.br

Juros da confiança

O pacote que o governo está preparando para tentar resgatar sua credibilidade deve incluir um aumento mais forte na taxa básica de juros (Selic). Na quarta-feira da semana que vem, o Comitê de Política Monetária (Copom) se reunirá já com Alexandre Tombini confirmado na presidência do Banco Central. A perspectiva dentro da equipe econômica é de que a Selic suba 0,5 ponto percentual, para 11,75% ao ano. Será uma forma de mostrar aos investidores maior coordenação entre a Fazenda, que anunciará um ajuste fiscal mais consistente, e a autoridade monetária, para levar a inflação ao centro da meta, de 4,5%, até 2016.

No fim de outubro, três dias depois das eleições, o BC aumentou os juros em 0,25 ponto. Como a economia está capengando, ainda com sintomas de recessão, tanto os técnicos do governo quanto os analistas privados acreditavam que o movimento do Copom seria mais ameno. Mas, com a disparada do dólar, que se mantém acima de R\$ 2,50, e a piora nas projeções para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 2015 — o risco de a inflação estourar o teto da meta, de 6,5%, é enorme —, passou-se a cogitar uma alta maior na taxa básica, de forma a consolidar a visão de que, no segundo mandato de Dilma, tudo será diferente. Ou seja, nada de leniência no combate à carestia.

A justificativa do BC, dizem técnicos da Fazenda, já está pronta. Assim como alegou que o dólar havia subido muito entre setembro e outubro, e cada ponto percentual de alta da moeda impacta em 0,5 ponto a inflação ao longo de 12 meses, o fará novamente. Por trás desse discurso está a visão de que, ao forçar a mão na Selic agora, a autoridade monetária conseguirá derrubar os juros futuros, de mais longo prazo. São essas taxas que, na verdade, servem de parâmetro para a formação do custo do dinheiro. Quer dizer: os empréstimos e financiamentos ficarão mais baratos, estimulando as empresas a retirarem das gavetas os projetos de investimentos que o país tanto precisa para crescer.

“Quando os juros futuros caem, é um sinal de que os investidores estão mais confiantes no combate à inflação”, explica um técnico do BC. Ele ressalta que, à medida em que ficar claro para o mercado que realmente o governo decidiu fazer um ajuste fiscal sem truques, mesmo entregando um superávit primário menor, e que o Copom tem total autonomia para retomar o controle sobre o custo de vida, o horizonte se abrirá. “Hoje, depois de tudo o que se viu nos últimos quatro anos, do fracasso da nova matriz econômica de Dilma, ninguém consegue olhar à frente e planejar. Portanto, a equipe comandada pelo futuro ministro da Fazenda terá que entregar previsibilidade. Nada mais que isso”, emenda.

O roteiro traçado por integrantes da equipe econômica para a retomada da confiança começa amanhã, com o anúncio oficial, por Dilma, de Joaquim Levy para o Ministério da Fazenda e de Nelson Barbosa para o Planejamento. Logo após, a presidente detalhará as diretrizes da economia sob o comando do novo time. Na sexta-feira, deve haver a despedida de Guido Mantega da Fazenda e, na própria sexta ou na segunda, as posses de Levy e de Barbosa.

“Será o melhor dos mundos para o governo, que se livrará de uma enorme pressão dos agentes econômicos. Investidores e empresários esperam que, desta vez, Dilma se afaste da economia e deixe quem sabe fazer o que precisa ser feito”, enfatiza um auxiliar de Mantega. “São quatro anos de governo pela frente. Não seria justo com a população entregar resultados tão medíocres como os do primeiro mandato da petista”, emenda um senador da base aliada. Para ele, Dilma, finalmente caiu na real. E o povo brasileiro agradece.

**Selic mais alta
reforçará sinal
de política
econômica
mais austera
com Dilma 2**